



Cadernos da Rede

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:
UM OLHAR PARA O DESENHO**

**A REDE EM REDE: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

EDITORIAL

Este já é o segundo fascículo da série Cadernos da Rede – Formação de professores. O intuito dessa coleção é compartilhar as reflexões dos professores participantes dos cursos Percursos de Aprendizagens nas diferentes linguagens. Nesta edição, daremos destaque especial ao desenho.

Os artigos deste fascículo foram produzidos em sua maioria pelas formadoras especialistas Sheila Cristina Ortega e Cinthia Soares Manzano, que coordenaram grupos de formação sobre desenho. Na seção **O Assunto é**, o artigo *Modos de olhar o desenho na educação infantil*, o leitor é convidado a pensar nas diferentes possibilidades de compreender o desenho na educação infantil. A seguir, na seção **Trabalho pedagógico**, apresentamos a discussão de algumas experiências vividas nessa Rede. Nas páginas seguintes, apresentamos a concepção de desenho como resultado de um percurso criativo. Depois, uma reflexão sobre as possibilidades do desenho para além do lápis e papel e uma avaliação sobre as condições de produção infantil, a continuidade

como critério de planejamento. Na seção **De Olho na prática**, você encontrará questões ótimas para organizar um bom diagnóstico das condições de produção de desenho em sua unidade educacional. E em **Para fazer mais**, uma lista de meios e suportes alternativos ao giz de cera e lápis de cor, tudo para ampliar a oferta de materiais e o alimento para a pesquisa das crianças. Terminamos este fascículo com o convite à reflexão da professora doutora Miriam Celeste Martins.

Boa Leitura!



Prefeito de São Paulo
Gilberto Kassab

Secretário Municipal de Educação
Alexandre Alves Schneider

Secretária Adjunta de Educação
Célia Regina Guidon Falótico

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação tem trabalhado para consolidar uma educação infantil de qualidade nessa que é uma das maiores redes de ensino do país. Diariamente nossos profissionais – professores, coordenadores pedagógicos, gestores e equipes de apoio - atendem cerca de 430 mil crianças, distribuídas em nossas 13 DRE. Oferecem o melhor em termos de uma rotina estável, de experiências culturais relevantes, de convivência ética e saudável. Os resultados podem ser observados nas práticas, nos avanços que ano a ano as unidades educacionais vêm apontando.

Toda essa mudança não se faz sem o trabalho coletivo. Por esse motivo, desde 2005 todos os profissionais dessa Rede estão envolvidos em um programa de formação que visa melhorar a qualidade da educação por meio da atualização profissional e da discussão de propostas inovadoras. O programa de Orientações Curriculares e a publicação do documento com as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil em 2007 foi apenas o início de um processo de reflexões e mudanças nas unidades educacionais.

Agora, é chegada a hora de ver o que nossa própria Rede está produzindo a partir dessas Orientações Curriculares, nos diferentes espaços de formação profissional, nos grupos de professores, de coordenadores pedagógicos e de diretores. Em continuidade à produção de publicações voltadas para a Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, tenho o prazer de apresentar mais um fascículo da coleção Cadernos da Rede – Formação de Professores. Nesse material é possível encontrar subsídios para alimentar as discussões nas EMEI e nos CEI rumo à consolidação de novos paradigmas para a educação infantil. A tônica dessas publicações é a voz de nossa própria rede. Nas próximas páginas veremos em destaque a experiência de nossos próprios profissionais que já constroem diariamente alternativas criativas para acolher as crianças e suas famílias e para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo nos impõe.

A exemplo dos demais materiais produzidos pela Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, esperamos, mais uma vez, o seu comprometimento para fazê-lo circular pela Rede, torná-lo vivo a fim de que possam inspirar novas práticas educativas.

Desse modo, trabalhando em rede, vamos mantendo o diálogo aberto avançando e muito rumo à excelência na Educação Infantil paulistana.

Alexandre Alves Schneider
Secretário Municipal de Educação



CARTA AO PROFESSOR

Os artigos apresentados nesta edição foram inspirados nas reflexões sobre experiências de professores e crianças de nossa Rede. É por isso que dedicamos a eles esta edição: Sandra Regina de Carvalho professora da EMEI Marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, professora Gabriela Maria Telo, da EMEI Parque Cocaia II e Flávia Kioko Alexandre Ito, professora da EMEI Antônio Gonçalves Dias. E, agradecemos especialmente às crianças de CEI e EMEI que nos brindaram com lindas garatujas e desenhos que ilustram esta edição. Esperamos que esses relatos mobilizem mais professores a ousar em suas práticas nas unidades educativas, estender o olhar sensível para as possibilidades expressivas que o desenho oferece às crianças.

Você, professor, inspirado nas experiências apresentadas nesta publicação, poderá ampliar o trabalho com as linguagens artísticas na sua Unidade e com as crianças desvelar múltiplos conhecimentos.

Abraços

DOT Educação Infantil

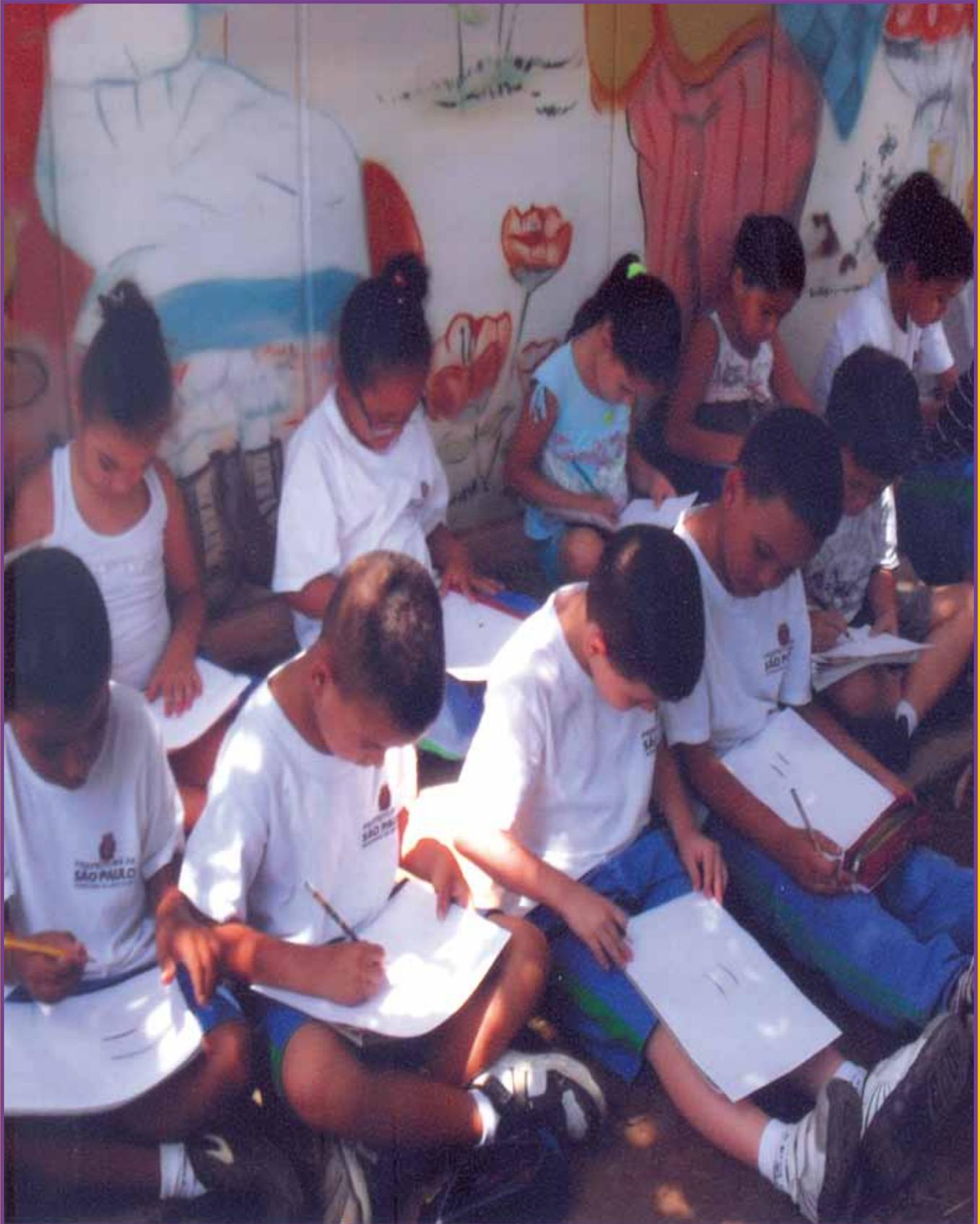


Foto: Pro^a Flávia Kioko Alexandre Ito / EMEI Antônio G. Dias - DRE Itaquera

Crianças desenhando a partir da observação da área externa da unidade.



O assunto é **8**

Modos de olhar o desenho na educação infantil **8**

Trabalho Pedagógico **12**

Percurso Criativo no Desenho **12**

Possibilidades do desenho para além do lápis e papel **14**

Desenho: expressão de linha e movimento **18**

A continuidade como critério de planeamento **20**

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|-----------|
| De olho na prática | 24 |
| Para a organização do trabalho | 24 |
| Para fazer mais | 26 |
| Meios e materiais para desenho | 26 |
| Para saber mais | 30 |
| Referências | 30 |
| Palavra Final | 33 |
| Desvelar e Ampliar | 33 |

MODOS DE OLHAR O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sheila Christina Ortega e Cinthia S. Manzano¹

O desenho é uma das linguagens mais associadas às atividades infantis e tradicionalmente está presente na educação infantil. Muitos são os estudos sobre o desenho da criança, com diferentes abordagens: há, por exemplo, uma tendência pedagógica que relaciona a produção infantil à expressão dos sentimentos, das emoções e dramas internos das crianças. Os estudos que embasam esse modo de olhar o desenho têm sido úteis à análise psicológica, quando feita por especialistas clínicos. Não é esse o caso da escola. Como, então, podemos olhar o desenho da criança na educação infantil?

Podemos considerar o ato de desenhar como a marca de uma trajetória. O desenho pode ser o registro de um movimento que aconteceu num pedaço de papel, um risco no muro, o caminho percorrido por um veículo ou o percurso que o nosso corpo desenvolve no espaço enquanto nos movimentamos. Pode ser uma brincadeira visual repleta de sentidos.

É interessante pensar que por meio do desenho imprimimos nossa marca e delineamos nossa individualidade. Desse ponto de vista, o desenho pode ser visto como marcas, registros, vestígios. Mas não só isso. Desenhar é também uma forma de se aproximar das linguagens artísticas. Produzir arte implica em olhar para o mundo de maneira curiosa, fazer perguntas, procurar formas de entender os acontecimentos e estabelecer relações. Na educação infantil, as crianças não produzem arte o tempo todo, mas as experiências que elas tem com a linguagem do desenho as envolvem em um intenso processo de imaginação e criação. Esse processo está ligado ao desenvolvimento da sensibilidade estética, do fazer artístico e da construção de narrativas.

¹ As formadoras produziram o texto a partir da experiência de formação do Programa a Rede em rede a formação continuada na Educação Infantil - Formação de Professores em 2010.

TODA CRIANÇA DESENHA

Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias.

Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar [...].

[...] Entendendo por desenho o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe.

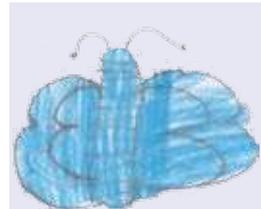
[...] O que é preciso considerar diante de uma criança que desenha, é aquilo que ela pretende fazer: contar-nos uma história e nada menor do que uma história. Mas devemos também reconhecer, nessa intenção, os múltiplos caminhos de que ela se serve para exprimir aos outros a marcha dos seus desejos, de seus conflitos e receios.

Porque o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala.

A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever.

(Ana Angélica Albano Moreira – O espaço do desenho: a educação do educador. Ed. Loyola, 1995. Cap. 1 “O desenho da criança”.)

A atividade de desenhar também pode ser vista como uma forma de criar limites, sejam eles reais ou imaginários. Atividade que permite construir novas estruturas no espaço, inventá-los. Cada criança possui diferenças individuais ao organizar seu espaço de brincadeira e construir seus desenhos. A criança desenha para brincar e, ao fazer isso, cria ao seu redor um espaço de jogo. Por isso, podemos dizer que é desenho até mesmo o modo como a criança organiza seus brinquedos, por onde andam seus carrinhos e como organiza os gravetos e folhas ao brincar no parque. Quando proporcionamos bons espaços e boas oportunidades para a criança brincar enquanto desenha, a criação e a expressão acontecem globalmente: o corpo participa da criação. E é também nesse sentido que se pode entender o desenho como movimentação e atitude infantis uma vez que o gesto, ao tornar-se exercício para a individualidade, apreende o desenho também como atitude.



Se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico que lhes damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão a excelência no aprimoramento do processo criativo.

Anna Marie Holm

Em todos esses casos, é importante ao planejamento da educação infantil garantir que a criança possa escolher como se expressar. O adulto precisa estar atento, percebendo seus sinais não para direcionar ou adequar o desenho da criança a uma norma ou padrão estético, mas sim para alimentar o processo de investigação artística que é tão caro às crianças. Dessas investigações e descobertas é que nascem as interações, um processo dinâmico que proporciona o desenvolvimento da linguagem artística e o cultivo da curiosidade infantil.

No trabalho educativo de crianças pequenas, é muito importante que o professor crie contextos para a exploração dos processos ligados à produção artística. Nesse sentido, pode organizar propostas de atividades que despertem a curiosidade das crianças e o olhar investigativo sobre diferentes aspectos da vida cotidiana: como posso expressar o que sinto, o que desejo, como vejo e me relaciono com o outro, uma ideia etc.

E é nessa perspectiva que apresentamos a seguir o trabalho realizado em algumas unidades educativas dessa rede. Vamos lá!



Foto: Acervo do CEI Mitiko Matsushita Nevoeiro / DRE Capela do Socorro





Foto: Profa. Silvia C. dos Santos Melo / EMEI Jd Monte Belo - DRE Pirituba / Jaraguá



PERCURSO CRIATIVO NO DESENHO

Silvana Augusto²

O desenho, ao contrário do que muitos pensam, nem sempre é figurativo. O desenho de figuras, tão valorizado pelos adultos, é fruto de um processo intenso de exploração e de muita pesquisa tanto gestual quanto visual.

Quando bem pequenas, as crianças ainda não têm desenvolvido a noção de permanência do objeto³. Para um bebê, os objetos não existem separadamente, não existem senão quando está diante dele, em um dado momento. Isto, que é uma característica própria do desenvolvimento infantil, não representa uma limitação. Vale lembrar que os primeiros anos da vida de uma criança encerram uma fase de grande desenvolvimento motor, importante para a construção das condições necessárias ao domínio do conhecimento do mundo simbólico e a aprendizagem das linguagens. Nessa fase da vida é a inteligência sensório motora que ganha espaço nas experiências infantis. Então, pintar ou mesmo rabiscar são, para a criança pequena, puro fazer, prazer do movimento.

Para a criança pequena, não está em jogo a representação, o desenho propriamente dito, importa apenas o prazer de brincar com seu próprio corpo e interagir com os materiais, seus pares e o adulto que é sua principal referência no CEI. Por isso a pintura é tão significativa para os menores. A plasticidade do material é um convite para o fazer mais próprio da faixa etária. O percurso desta linguagem começa muito cedo e pode ser alimentado no CEI, durante os anos que marcam a passagem da criança na instituição.

Os gestos estão fortemente presentes na pintura infantil, mas também aparecem na produção gráfica, apontando para um percurso bem diferente. O gesto também aparece marcando a superfície desde os primeiros rabiscos da criança. O desenho propriamente dito aparecerá no percurso infantil um pouco mais tarde e, contrariando o que muitos educadores costumam pensar, não é intencional desde o início. Ao desenhar, a criança brinca: na maioria das vezes, sobretudo quando é pequena, não sabe ao certo o resultado desta ação, mas isso não importa, pois é o convite para

² Assessora de DOT Educação Infantil e autora de: *Rotas de aprendizagem. Módulo 4 OPE. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.*

³ Para saber mais, consulte os módulos 1,2 e 3 de psicologia da mesma coleção.

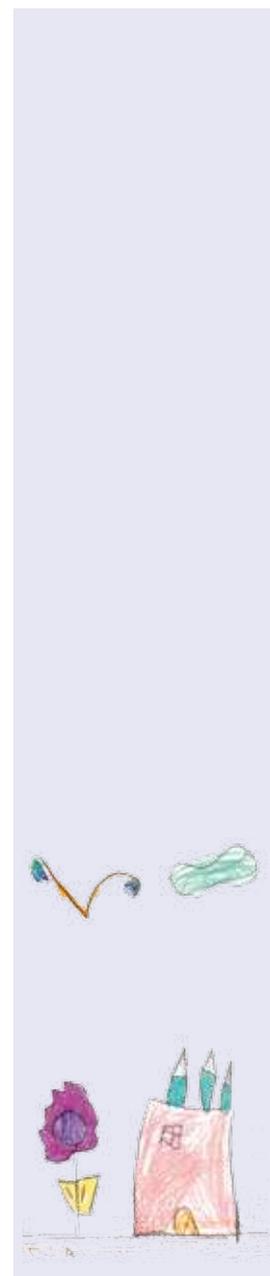
brincar com os meios (tinta, giz de cera, carvão etc.), materiais (pincéis, rolinhos, esponjas etc.) e suportes (papel, papelão, chão, parede etc.) que realmente lhe interessam. A brincadeira pode resultar em uma figura ou não.

Ao brincar desenhando ou desenhar brincando, a criança vai descobrindo novos prazeres e desafios dessa experiência, novas formas de se relacionar com o mundo. À medida que as crianças adquirem domínio sobre seu corpo e os movimentos que ele produz, vão conquistando a condição de atuar sobre a plasticidade da matéria. Logo percebem que seus gestos produzem marcas estáveis. E então, aquilo que já fora puro fazer, gesto no espaço, um movimento tão característico das crianças até 2 anos, vai se constituindo como um desenho.

Foto: Profa Maria Elizabeth / CEI CEU São Rafael - DRE São Matheus



Bebê desenhando na areia



POSSIBILIDADES DO DESENHO PARA ALÉM DO LÁPIS E PAPEL

Sheila Christina Ortega⁴

O lápis de cor e o papel são os materiais mais tradicionais entre as crianças, presentes em todas as unidades de educação infantil. É possível desenhar sem lápis e papel? Um desenho e uma linha, pensados além da maneira tradicional de desenhar, rompem com a ideia de que a produção artística deve ser apenas observada. O desenho entra em contato com o corpo: corpo de quem produz, de quem vivencia o desenho. As linhas passam a existir também em outros espaços e criam novos ambientes.

Esta maneira de pensar o desenho propõe a interação das crianças e adultos com o trabalho desenvolvido pelos pequenos. Pensar sobre a relação do desenho com o espaço e as diversas possibilidades de construí-lo pode aproximar a produção infantil da arte contemporânea por meio do processo vivido. Ao ampliarmos nosso olhar para o que pode ser considerado desenho na arte contemporânea, encontramos uma diversa gama de possibilidades para o que pode ser chamado de “linha desenhada”, desta maneira, vamos conhecer o trabalho da professora Gabriela Maria Telo, da EMEI Parque Cocaia II, que caminha inspirado nesse pensamento.

Ela propõe às crianças de seu grupo uma pesquisa de linhas que não são as riscadas no papel e suas relações com os espaços. Com o objetivo de pesquisar a linha matérica e transformar o espaço do desenho, a professora ofereceu ao grupo de crianças alguns rolos de barbantes. Iniciou a proposta com uma roda de conversa sobre a atividade que seria desenvolvida, explicou para a turma que fariam desenhos sem utilizar lápis, canetinhas, tinta ou qualquer outro material riscante. Colocou ainda para seus aprendizes que o espaço organizado para este trabalho seria a sala de aula.

Para o primeiro momento desta proposta, foi planejado criar um desenho único pelo espaço com o envolvimento de todo o grupo. A professora, então, perguntou para as crianças como poderiam concretizar esta ideia e várias sugestões surgiram: “É só colocar o barbante no chão e fazer o desenho com ele” – diz uma criança -, “a gente pode ficar segurando”.

⁴ A formadora produziu o texto a partir do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Um olhar para o desenho, realizado na DRE Capela do Socorro, 2010.



Outra criança sugeriu o desenho de um grande foguete pelo espaço. Os alunos gostaram desta ideia e a partir das sugestões dadas pelo grupo foram desenhando juntos, imaginando, expressando movimento no ar.

Em seguida, a professora dividiu a turma em pequenos grupos e ofereceu pedaços de barbante para cada participante. O desafio, agora, seria criar outros tantos desenhos pelo espaço com esses pedaços de linha. A partir desse momento, a sala de aula transformou-se em um território lúdico habitado pelos desenhos das crianças.

Interessante notarmos como essa proposta foi capaz de promover a pesquisa das espacialidades, transformar ludicamente o espaço além de alimentar a criatividade e curiosidade infantis. Considerando que a sensibilidade visual pressupõe a percepção do espaço, nesta proposta as crianças foram autoras desse “espaço desenhado”, relacionando a linha com a arquitetura e os objetos tridimensionais que ocupavam a sala.

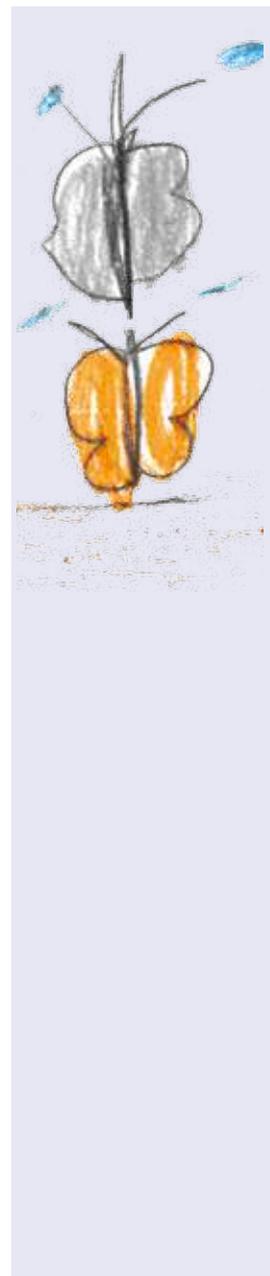


Foto: Profa Vânia Camila / EMEI Grajaú – DRE Capela Socorro



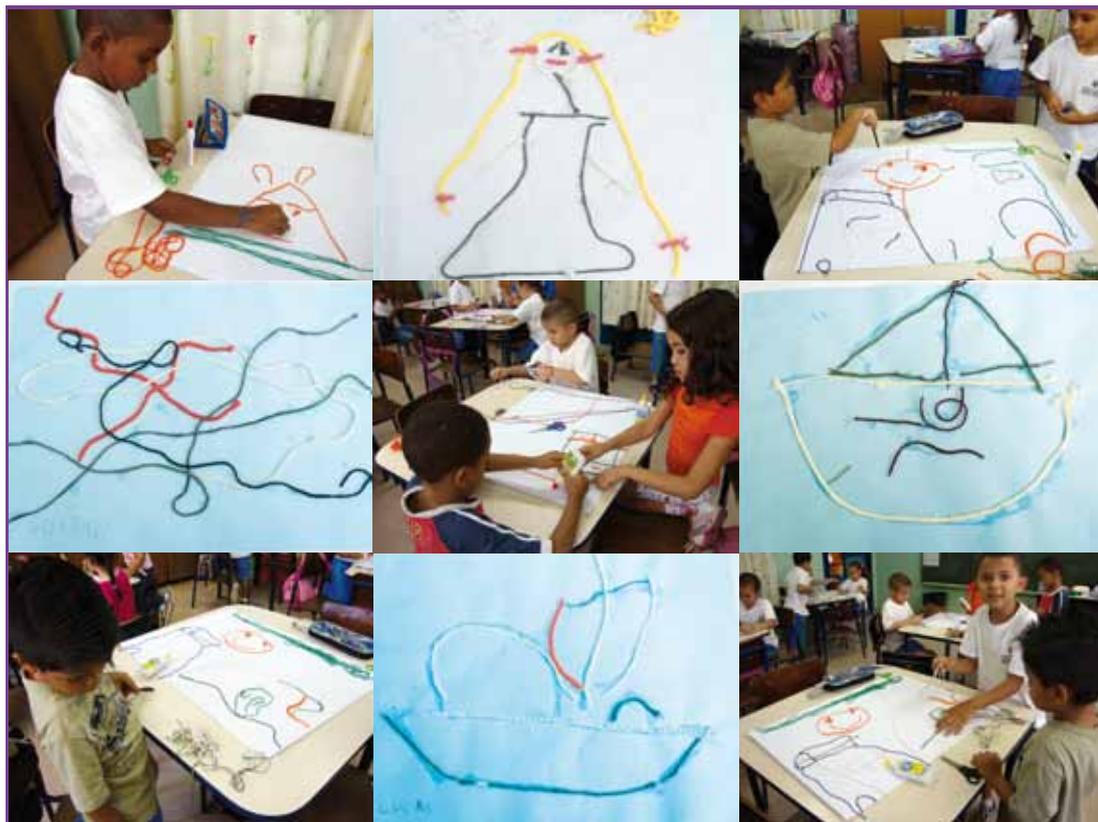


A proposta de trabalho com a linha matérica foi apresentada aos professores no curso sobre Percursos Criativos do Desenho. Flávia⁵, professora da EMEI Antônio Gonçalves Dias, ficou curiosa com a discussão promovida em seu grupo e levou a ideia para a sua escola. Ela nos conta: “Propus que brincássemos com linhas de barbantes e de lãs. Ao brincar com as linhas, ao explorar o material, as crianças perceberam que poderiam criar desenhos sem usar os lápis e acharam muito divertido, logo se envolveram no jogo de desenhar. Manuseando-as sobre a mesa, organizaram desenhos de vários objetos. Organizando e reorganizando, elas iam desmanchando e contornando outros objetos, se deliciando ao perceber que poderiam criar com sua imaginação inúmeras figuras. Em outro dia, sugeri que brincássemos com o barbante espalhando-o pelo espaço, podendo criar construções tridimensionais, como por exemplo: cabanas, casinhas, labirintos, etc.” O exemplo da professora Flávia mostra como é possível às crianças transformar o espaço com o desenho, explorando a linha matérica.

Por meio do uso de materiais cotidianos como o barbante, as cadeiras e a arquitetura da sala de aula a professora organizou os materiais e os espaços como estratégia para sensibilizar o grupo de aprendizes para esta nova maneira de perceber o desenho e desenhar.

O que foi planejado pela professora teve o foco no processo do trabalho, desta maneira, além de aproximar a produção das crianças com os processos criativos propostos na atualidade, legitimou a marca da produção infantil ao proporcionar um olhar sensível para os desenhos produzidos pelo grupo, que expandiram seus gestos para fora dos limites do papel.

⁵ Registros da Professora Flávia Kioko Alexandre Ito, da DRE Itaquera – EMEI Antônio Gonçalves Dias/ Infantil II, participante do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Um olhar para o desenho, coordenado por Cinthia S. Manzanon em 2010.



Desenhar é várias coisas.

É lançar a linha no espaço, anarquicamente, mas com aquela ordem interna que só quem faz sabe.

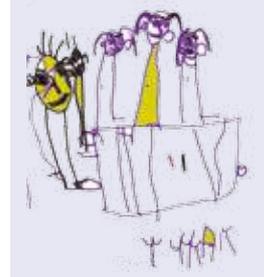
É estabelecer um continente, que aparentemente não contém nada, mas onde pode caber tudo (e onde cabe o vazio que é nada e tudo ao mesmo tempo).

É criar relações entre coisas, dando pesos e valores.

É falar de objetos e fazê-los falar.

E finalmente é lançar um olhar para a realidade, procurando e achando significados.

Ester Grinspum



DESENHO: EXPRESSÃO DE LINHA E MOVIMENTO

Cinthia S. Manzano⁶

Vemos que quando brinca, a criança traça linhas e deixa suas marcas no espaço, expressando as diferentes maneiras como olha e compreende o mundo. Portanto, observar as linhas, pesquisar sua movimentação é parte do trabalho do desenho.

Mas, a atividade de desenhar envolve mais do que colocar uma ideia no papel. Muitas vezes, a ideia surge ao desenhar, vem da observação dos traços, da movimentação, da expressão gestual. Essa é a perspectiva que encontramos na proposta elaborada pela professora Flávia Kioko Alexandre Ito. Vamos ver como Flavia pensa no desenvolvimento corporal das crianças em relação às experiências de desenhar.

Ao registrar a pesquisa de materiais gráficos e suportes inusitados, uma atividade realizada com seu grupo, a professora Flavia relatou o seguinte: "Primeiramente, organizei na mesa alguns materiais e suportes: sulfite, cartolinas, colorset, laminado, papelão ondulado, papel cartão (diversas cores), revistas, lápis de cor, giz de cera e canetinhas. Conversei com as crianças, explicando que poderiam escolher o tipo de papel, o tipo de lápis para fazer o desenho e que poderiam desenhar como quisessem. Em grupos, elas se deslocavam até a mesa para escolher os materiais. Ao pegar papel de cor preta, experimentavam as cores que podiam ser boas para desenhar sobre preto: muitas já sabiam que o lápis e o giz branco produzem riscos mais fortes, que aparecem mais. Então, experimentavam as possibilidades desses materiais, explorando maneiras de usá-los, investigando como esses materiais riscam os suportes, trocando informações com os outros colegas."

Nesse registro, percebemos que a partir do que foi preparado pela professora, as crianças tiveram possibilidades de escolher como gostariam de desenhar. E como a professora poderia contribuir para os avanços nessa produção? Ao observar o que foi desenvolvido pelas crianças, o que já sabiam e o que buscavam descobrir, a professora Flávia procurou registrar essas experiências e planejar a continuidade da sequência das atividades.

⁶ A formadora produziu o texto a partir do curso: *Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Um olhar para o desenho*, na DRE Itaquera, 2010.

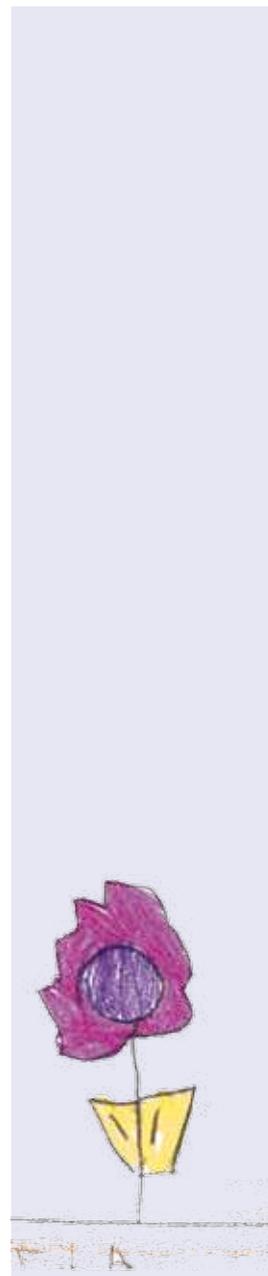


Sua intenção era apontar caminhos para cultivar o desenho das crianças, proporcionando-lhes experiências visuais transformadoras. A seguir, acompanhamos um pouco desse processo de construção do planejamento da professora Flávia. Ela nos contou: “Na primeira vez que ofereci esses materiais, muitas crianças desenharam sentadas em suas cadeiras, utilizando as mesas para apoiar o papel. Outras descobriram novas soluções corporais: em pé, de joelhos utilizando a cadeira como apoio. Num outro dia, ofereci os mesmos materiais e sugeri que desenhassem sentadas no chão. Elas acharam meu pedido estranho, mas eu expliquei a elas que desenhávamos para experimentar. Foi muito interessante, pois observei que até mesmo para desenhar, a expressividade corporal se faz presente.”

No fragmento abaixo podemos ver como a professora Flávia continua propondo desafios e problemas a seu grupo e aponta, ainda, a dimensão lúdica ligada à experiência. Ela nos conta: “organizamos alguns materiais na mesa e prendemos cartolinas na lousa para que desenhassem ali mesmo. Conversamos como poderíamos desenhar de um modo diferente, por exemplo: como desenhávamos sem usar as mãos? O que poderíamos utilizar para realizar os desenhos? As crianças responderam que poderíamos utilizar a boca, os pés e a cabeça. Eles se divertiam muito, como se fosse uma brincadeira, um jogo”.

Chama a atenção a forma como a professora construiu relações entre as experiências com a expressividade das linguagens artísticas, com foco no desenho, e as experiências de exploração da linguagem corporal visando promover possibilidades do gesto do desenho.

Os registros dessa professora podem ser inspiradores para outros professores na medida em que relatam como é possível explorar a linguagem do desenho de crianças pequenas e sua relação com outras linguagens. Mostra como se cria condições para esse processo de construção de sentidos, enriquecendo um espaço mais criativo para o surgimento das narrativas infantis.



As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada .

Mário Quintana, em Caderno H.



A CONTINUIDADE COMO CRITÉRIO DE PLANEJAMENTO

Sheila Christina Ortega⁷

“A linha é circunstancial, só existe do encontro entre as coisas, inventando planos e territórios, tal como a linha do horizonte, fruto da visão que olha o encontro do céu com a terra. Onde morre a linha e nasce o plano? Onde começa o rio e termina o mar? A linha imita os limites.”

Edith Derdyk

A educação do olhar das crianças, promovida pelo educador, está intimamente relacionada ao espaço oferecido para atividades que fomentem essa experiência dentro da rotina diária. A criança aprende enquanto brinca, desenha, experimenta e investiga relações espaciais, o gesto, os materiais e se relaciona com o outro.

O desenvolvimento de um olhar sensível infantil, é parte da trajetória da construção de significados do seu entorno, das suas vivências e escolhas. Escolhas, estas, que são fruto de uma bagagem estética orientada também pelo adulto.

Educar o olhar não significa a repetição de atividades prontas, ou ainda, pintar presentes também prontos para as datas festivas. Educar o olhar é uma atitude constante de construção de repertórios por meio de experiências sensíveis. Movimentos como lembrar, imaginar, observar, interpretar e relacionar constituem a percepção da realidade e do universo sensível. São janelas abertas às crianças para os mundos exterior e interior.

A professora Sandra Regina de Carvalho da EMEI Marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, desenvolveu um híbrido de desenho e pintura com a sua turma do Infantil II. Ao longo de cinco dias, trabalhando uma hora por dia, as crianças foram sensibilizadas pela professora, pesquisaram e produziram um grande trabalho em escala humana. O suporte oferecido pela professora foi uma lona de aproximadamente um metro e meio

⁷ A formadora produziu o texto a partir do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Um olhar para o desenho, realizado na DRE Capela do Socorro, 2010.

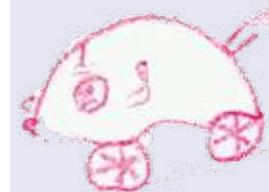
de comprimento, no qual as crianças iniciaram o trabalho pesquisando sombras. As sombras foram construídas pelo grupo de crianças a partir de seus corpos criando uma grande composição.

O grupo foi organizado, primeiramente, na área externa da escola e a pesquisa foi iniciada pensando na ideia do desenho. Enquanto algumas crianças construía as formas, outras riscavam o registro dessas formas na lona. Os contornos dessas sombras criadas pelas crianças foram riscados com lápis 6B e “canetão”.

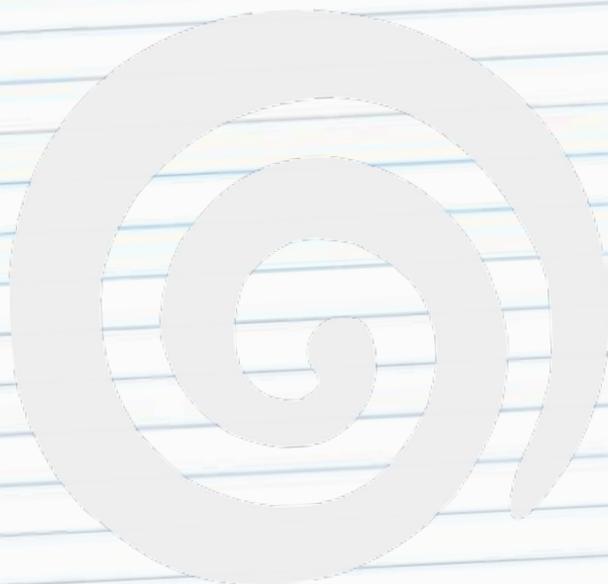
A partir desse momento as crianças perceberam as noções de figura e fundo. Pintaram primeiro todas as figuras criadas, para em seguida, trabalhar o fundo da composição. Escolheram seus materiais e criaram suas próprias formas visuais.

Nessa proposta, o espaço no qual a grande maioria das crianças está acostumada a trabalhar, a folha de papel sulfite, foi transformada em escala humana. O espaço foi organizado, os tempos e os materiais, com a intenção de buscar diversos meios para ressignificar o suporte, o desenho e a pintura. As crianças perceberam o desenho na sutileza de uma sombra, pesquisaram a melhor maneira de registrá-la e de compor coletivamente a partir das pesquisas. Houve liberdade de escolha para as crianças. O corpo também foi trabalhado pelas crianças, tanto para a construção das formas quanto na hora de desenvolver o desenho-pintura de fato. Uma grande brincadeira vivenciada pelo grupo todo.

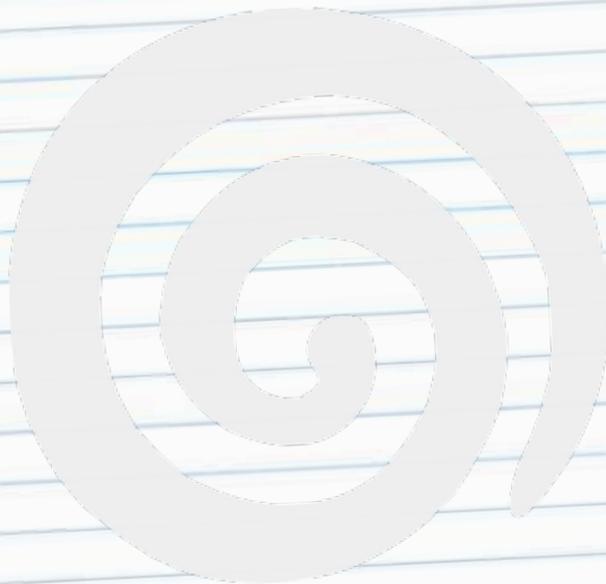
Esse trabalho, no entanto, só foi possível porque a rotina da professora acolheu essa proposta tão elaborada ao longo de cinco dias. A continuidade foi um fator determinante para a experiência das crianças e tornou possível trabalhar os materiais artísticos diariamente, além de organizar o grupo de crianças, construindo esta parceria tão fundamental para a educação e sensibilização do olhar infantil.



BLOCO DE ANOTAÇÕES



BLOCO DE ANOTAÇÕES



PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Silvana Augusto⁸

Para que a organização de propostas de desenhar na educação infantil possibilite aprendizagens significativas das crianças, é fundamental que o professor trabalhe a partir do planejamento de uma sequência de atividades que incorpore desafios ligados à experimentação da linguagem do desenho. Ao planejar a organização de tempos, espaços e materiais para as atividades, busca-se um equilíbrio entre a intencionalidade do professor e a iniciativa das crianças.



Foto: Profª Flávia K. Alexandre Ito/ EMEI Profª Antonio Gonçalves Dias - DRE Itaquera

A partir de experiências sensoriais, percebi que o desenho da natureza, em especial da árvore, era um desenho estereotipado...

1. Como as propostas de desenho e pintura estão sendo construídas diariamente dentro do seu planejamento? Qual o espaço e organização promovidos, por você professor, para as crianças se apropriarem desta linguagem?
2. Além dos projetos e sequência de atividades, como as propostas de desenhar podem ser construídas diariamente dentro do seu planejamento, visando contribuir para a construção de uma maior familiaridade das crianças com os materiais de desenho?

⁸ Assessora de DOT Educação Infantil e autora de: **Rotas de aprendizagem. Módulo 4 OPE**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.

3. Há oferta diversificada de materiais para desenho? Materiais de meio secos, oleosos e aquosos? Diferentes tipos de suportes incluindo os tridimensionais? E as cores? Há diversidade e quantidade de cores suficientes, de modo que não reste no estojo apenas as cores menos usadas, portanto, as menos apreciadas pelas crianças?

4. As sequências de desenho incluem também uma reflexão das crianças sobre a cor, além da linha?

5. O planejamento do trabalho com o desenho está considerando que as crianças precisam ter oportunidades de explorar as diversas linhas para a construção de desenhos fora do papel?

6. Nos momentos de criação, as crianças podem buscar novos estímulos para trabalhar o desenho e a pintura ou os materiais são sempre pré-determinados?

7. Na pesquisa das linhas as crianças podem apreciar desenhos criados pelas linhas da natureza ou pela arquitetura do entorno? Pelas sombras, pegadas e rastros?

8. Há um reconhecimento e valorização dos tipos próprios de desenho de cada criança, por exemplo a garatuja valorizada como garatuja?

9. Há oportunidade para as crianças refletirem sobre a combinação das linhas no espaço, valorizando visualidades gráficas, mesmo quando não são figurativas?

10. No caso da produção de desenhos figurativos, há suficientes e diversificados materiais para alimentar o universo de imagens das crianças?



Foto: Profa Flávia K. Alexandre Ito/ EMEI Profa Antonia Gonçalves Dias - DRE Itaquera

...Num outro dia, fui com eles para ver e observar as árvores da escola. Após a observação, o desenho passou a ser mais interessante e rico.



MEIOS E MATERIAIS PARA DESENHO

Silvana Augusto⁹

Lápis de cor e giz de cera todo mundo conhece. São os materiais mais utilizados nas escolas de educação infantil. Mas existe uma grande variedade de outros riscantes que podem ser explorados no desenho para conseguir resultados muito diferentes: traços mais finos, grossos, sutis, sombreados, profundos, etc. Veja a seguir sugestões de meios e materiais para desenhar.

SECOS

- Lápis de cor ponta fina
- Lápis de cor ponta grossa
- Lápis aquarela (pode ser usado seco ou molhado)
- Lápis grafite 6B, 5B, 4B, 3B, 2B, B (para traço macio e escuro)
- Lápis grafite HB, F, H (para traço suave e escuro)
- Lápis grafite 2H, 3H, 4H, 5H, 6H (para traço duro e claro)
- Lápis de carpinteiro
- Tijolo
- Telha
- Pedras
- Carvão para churrasco
- Carvão para desenho (diversas espessuras)
- Pontas secas de diversos formatos e larguras (usados em xilogravura)
- Giz de lousa branco e coloridos

⁹ Assessora de DOT Educação Infantil e autora de: *Rotas de aprendizagem. Módulo 4 OPE. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.*



MEIO SECOS

- Esferográficas coloridas
- Esferográficas fosforescentes
- Esferográficas ponta fina
- Paper mate ultra fine (traço muito fino)
- Paper mate futura
- Marca texto fosforescentes
- Pincel atômico
- Hidrográfica de ponta fina
- Hidrográfica de ponta grossa
- Caneta para tecido
- Caneta tinteiro
- Bico de pena de diversas espessuras



OLEOSOS

- Giz de cera fino
- Giz de cera grosso
- Giz pastel
- Crayon
- Tijolinho (apropriado para crianças até 2 anos)
- Velas brancas ou coloridas

A seguir, sugerimos algumas combinações de suportes em materiais que permitem às crianças a exploração das linhas e do movimento do desenho.





CARVÃO

- sobre papel craft grande
- sobre sulfite
- no chão
- sobre sulfite com cola para fixar
- sobre color set ou papel tingido colorido: fundo amarelo ou vermelho, por exemplo



CANETA HIDROCOR

- sobre qualquer tipo de papel
- sobre papel molhado
- sobre madeira
- sobre qualquer papel ou madeira depois "envernizado" com cola



GIZ DE CERA

- cores claras sobre fundo escuro como preto ou vinho
- todas as cores sobre qualquer tipo de papel
- sobre lixa fina
- sobre lixa grossa, grande ou pequena
- esfarelado para usar com chumaço de algodão, dando efeito esfumaçado
- derretido em vela sobre papéis grossos
- bem forte sobre cartão branco, pintar com guache de uma só cor bem aquoso, limpar depois com pano; o desenho de giz permanece



GIZ DE LOUSA

- cores claras sobre fundo escuro como preto ou vinho
- cores diversas sobre papel branco
- dissolvido em água com cola (o traço fica fixado no papel)
- sobre texturas mais ásperas como lixas ou papéis reciclados
- no chão do parque
- na lousa
- sobre papel craft colado na parede





Foto: Profa Sílvia C. dos Santos Melo / EMEI Jd Monte Belo - DRE Pirituba / Jaraguá



REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira, 2000.

AUGUSTO, S. **Do gesto à representação, uma rota de expressividade. Rotas de aprendizagem. Módulo 4 OPE**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Mudanças e Inquietações no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

BOSI, A. **Fenomenologia do olhar**. In: NOVAES, A. (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 65-87.

BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. / Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Espaço e lugar**. / Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Narrativas Enviesadas**. / Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Tempo e memória**. / Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Catálogo: **Lygia Clark: exposição pensamento mudo**. São Paulo. DAN Galeria, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Editora Massagana, 2007.

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.

_____. **Desenho**. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

_____. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: arte conceitual no museu**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GALVÃO, I. **Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-Modernismo**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOLM, Anna Marie. **Baby-Art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo: 2007.

_____. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo: 2005.

HUNTER, Sam. **Robert Rauschenberg**. Nova York: Rizzoli, 1999.

IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**. São Paulo: Artmed, 1997.

_____. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

KELLOGG, R. **Análisis de la expresión plástica del preescolar**. Madrid: Cincel, 1987.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, M. C. **Aprendiz da arte: trilhas do sensível olhar pensante**.



São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte – A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Miriam Celeste. et al. **Didática do ensino da arte/ a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MCCARTHY, David. **Arte Pop.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patrícia (Orgs). **Concepções contemporâneas da arte.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

PEDROSA, Israel. **O universo da cor.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

PILLAR, A. D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. Um convite ao olhar: televisão e arte na educação infantil. In: **11º Encontro da Associação Nacional de pesquisadores em Artes Plásticas- ANPAP.** São Paulo, 2001. CD-ROM.

SANT'ANNA, Renata; PRATES, Valquíria. **O olho e o lugar: Regina Silveira.** São Paulo: Paulinas, 2009.

SILVA, S. M. C. **A constituição social do desenho da criança.** São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

WALY, Salomão. Hélio Oiticica. **Qual é o parangolé? E outros escritos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

WOOD, Paul. **Arte Conceitual.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.



DESVELAR E AMPLIAR

"Proponho que o ensino de arte seja fundamentado em duas ações dependentes como faces da mesma moeda: o desvelar e o ampliar. O primeiro permite o desvelar, o descobrir, do repertório pessoal de imagens, sons, gestos, personagens, falas de crianças. Desvelar é dar espaço para a criança se expressar, é perceber seu momento de desenvolvimento, é conhecer mais de perto seu pensamento, sua percepção de mundo, seus sentimentos.

Ampliar o repertório plástico, sonoro, corporal e verbal exige uma ação pedagógica que estabeleça relações ricas e flexíveis com o mundo, que permita a apropriação do objeto de conhecimento: Arte, através do trabalho com os códigos das linguagens, do contato com as produções de outras crianças, de adultos, de artistas, ...

Ambas ações exigem que o professor esteja junto, compartilhando, sendo cúmplice das descobertas, das inseguranças e medos, incentivando e encorajando, lidando também ele com seu referencial sensível."

(Miriam Celeste Martins. Aprendiz da arte – trilhas do sensível olhar-pensante. **Espaço Pedagógico**. Setembro de 1992. p.19)



BLOCO DE ANOTAÇÕES



DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

DIRETORA

Regina Célia Lico Suzuki

DIRETORA DOT INFANTIL

Yara Maria Mattioli

EQUIPE TÉCNICO PEDAGÓGICA

Fernanda Silva Noronha

Gislaine dos Santos Koenig

Maria Heloisa Sayago França

Marilda Aparecida Bellintani Jamelli

Matilde Conceição Lescano Scandola

Patrícia Maria Takada

Raquel de Campos Felizolla

EQUIPE TÉCNICO ADMINISTRATIVA

Edna Ribeiro da Silva

Sylvete Medeiros Correa

Vitor Hélio Breviglieri

Gilcenalba Virgínio dos Santos (*Estagiária*)

DIRETORES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Eliane Seraphin Abrantes

Elizabeth Oliveira Dias

Hatsue Ito

Isaias Pereira de Souza

José Waldir Gregio

Leila Barbosa Oliva

Leila Portella Ferreira

Maria Angela Gianetti

Maria Antonieta Carneiro

Marcello Rinaldi

Silvana Ribeiro de Faria

Sueli Chaves Seguchi

Waldecir Navarrete Pelissoni

ASSESSORES

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

Ieda Abbud

Maria Paula Vignola Zurawski

Silvana de Oliveira Augusto

FORMADORES DE PROFESSORES

Alessandra Ancona de Faria

Andrea Fraga da Silva

Carlos Alberto Silva

Cinthia Soares Manzano

Fernando Brandão Correia Filho

Francisco Iglioni Gonsales

Isabel Maria Meireles de Azevedo Marques

Joseane Aparecida Bonfim de Barros

Liliana Maria Bertolini

Marcos Marcelo Soler

Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira

Sheila Christina Ortega

Stela Maris Fazio Battaglia

Sueli Vital e Silva

Virginia Arêas Peixoto

COORDENAÇÃO GERAL

Yara Maria Mattioli

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

ORGANIZADORA DA PUBLICAÇÃO

Silvana de Oliveira Augusto

GRÁFICA

Coordenação do Centro de Multimeios:

Magaly Ivanov

Projeto Gráfico e Capa:

Joseane Ferreira

Editoração:

Jennifer Abadia Oliveira Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Percurso de aprendizagens : Um olhar para o desenho - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2011.

36p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil I. Cadernos da Rede - Formação de Professores

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: SME26/2011



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO